

TENENTISMO

De movimentos político-militares liderados pela oficialidade jovem das forças armadas, entre 1922 tenentismo.

Conjunto e 1932. A palavra também é aplicada as idéias que motivaram esses movimentos.

ORIGENS E IDÉIAS

O tenentismo começou a formar-se depois da primeira guerra mundial (1914-1918). Os suboficiais e oficiais mais jovens, influenciados pela missão francesa que esteve no Brasil em 1918, passaram a propor uma modernização nas forças armadas brasileiras para torná-las semelhantes as européias. Propunham também reformas políticas para o país, como por exemplo uma maior centralização do poder nas mãos do governo federal e o voto secreto. Através dessas reformas, pretendiam diminuir o poder dos oligarcas (membros de uma classe, família ou partido que detém o poder durante muito tempo) estaduais. Os tenentes consideravam as oligarquias estaduais responsáveis pela corrupção política e pela ilegalidade dos governos estadual e federal. Dos oligarcas o mais combatido foi Artur Bernardes, presidente da república de 1922 a 1926. Mais tarde, setores mais radicais do tenentismo aderiram ao comunismo.

Os tenentes fizeram oposição cerrada ao governo federal durante quase toda a década de 1920. Em 1929, grande parte dos líderes tenentistas - muitos deles vivendo no exílio ou no Brasil sob nomes falsos - uniu-se a oposição representada pela aliança liberal. Apoiaram o candidato oposicionista. Vargas, as eleições presidenciais como única possibilidade de luta contra o regime.

FASE

Os movimentos tenentistas passaram por três fases principais:

Na primeira, as manifestações foram isoladas e exclusivamente militares;

Na segunda, os tenentes uniram-se as oposições políticas locais ou regionais, principalmente no Rio Grande do Sul, dando a seu movimento maior amplitude;

Na terceira, ligaram-se a oposição federal, representada pela aliança liberal.

A primeira manifestação do tenentismo foi o movimento de 05 de julho de 1922. A causa imediata da revolta foram as cartas publicadas nos jornais contendo insultos ao exército. As cartas, embora falsas, foram atribuídas a Artur Bernardes, candidato do governo a presidência da república. O fato provocou grande agitação entre os tenentes, principalmente no clube militar. O governo mandou fechar o clube e prender seu presidente, o marechal Hermes da Fonseca. Os militares revoltaram-se, culminando o movimento com o episódio dos dezoito do forte.

A segunda manifestação importante do tenentismo foi a revolução de 1924, em São Paulo, Amazonas, Mato Grosso, Rio Grande do Sul e Sergipe. Foi uma reação ao governo de Artur Bernardes, que reprimia a oposição com violência e governou quase todo o quadriênio sob estado de sítio. Os remanescentes dos movimentos de São Paulo e Minas Gerais uniram-se a coluna prestes, que, partindo do Rio Grande do Sul em 1924, adotou uma tática de movimentação constante, percorrendo o país até 1927, na esperança de que surgissem novos focos

rebeldes.

Na terceira fase do tenentismo houve uma divisão entre seus chefes. De um lado ficaram, entre outros, João Alberto Lins de Barros, Antônio de Siqueira Campos e Juarez Tavora, que se ligaram a aliança liberal, como única forma de vencer a luta contra o regime. Apoiaram seu candidato, Getúlio Vargas, diante da promessa de que, uma vez vitorioso, daria anistia aos condenados políticos e executaria uma ampla reforma política e eleitoral. Já Luís Carlos Prestes e outros que o seguiam tomaram uma posição mais radical e preferiram o caminho da revolução agrária e contra o capital estrangeiro. Já sem prestes, que ingressou no partido comunista, o tenentismo participou da revolução de 1930, após a derrota de Getúlio Vargas nas eleições. Com a vitória da revolução, muitos tenentes ocuparam cargos de destaque, principalmente como interventores federais nos estados. Em 1932, alguns dos antigos tenentes, inconformados com a demora de o governo provisório dar uma nova constituição ao país, revoltaram-se contra o governo federal e tomaram parte na revolução constitucionalista de 1932.